CDU. 869.0(81) Lobato 7.07

ESCÂNDALO NA BIBLIOTECA

Wilson Martins

Da obra do autor *História da Inteligência Brasileira* (São Paulo, Cultrix, 1977-79, v. VII (1933-1960), p. 85-89.

Mas, em 1936, o livro que realmente apaixonou a opinião pública e monopolizou todo o interesse foi, incontestavelmente, *O Escândalo do Petróleo,* de Monteiro Lobato, no mesmo ano em que apareciam *Docas de Santos, Lutas e Realizações,* por Hélio Lobo; *O Ouro, Motor Político,* de Oto Prazeres, e, ao lado de *Anfiteatro Amazônico,* de Raimundo de Morais (junto com *Na Planície Amazônica,* em quarta edição e com *Os Ressuscitados, Romance do Purus , O Ciclo do Ouro Negro,* de Viana Moog.

Para este último, o "ouro negro" era a borracha, uma história do passado, enquanto os brasileiros de 1936 andavam apaixonadamente discutindo o petróleo, o "ouro negro" do presente e do futuro. O momento é, pois, apropriado para tentar uma apreciação de conjunto e uma interpretação sintética da complexa personalidade que, em nossa história intelectual, levou o nome de Monteiro Lobato.

Sabe-se que, bacharelando-se em Direito, no ano de 1904, tudo parecia encaminhá-lo para a carreira jurídica, que chegou efetivamente a iniciar, nas funções de promotor público de uma comarca do interior de São Paulo. Entretanto, o falecimento de um avô, em 1911, tornou-o proprietário de uma grande fazenda, fornecendo-lhe o pretexto para abandonar atividades para que não sentia nenhuma inclinação. Também aqui Lobato não foi bem sucedido; como obser-

vou o seu biógrafo Edgar Cavalheiro, "não é só olho utilitário que lhe falta: falta-lhe, também, paciência e controle para conter a desenfreada imaginação". O resultado é que, depois de alguns anos de grandes projetos sempre irrealizados, Lobato vende a fazenda, em 1917, transferindo-se para São Paulo, onde, nesse meio tempo, já fizera algum nome literário, colaborando no mais conceituado órgão da sua imprensa, *O Estado de S. Paulo,* e na mais estimada revista literária do país, a *Revista do Brasil.* Em maio de 1918, adquiriu esta última, transformando-a, menos de um ano depois, em base de importante organização editorial, a primeira instalada no país em grande estilo e a que inicia nova fase na história dessas atividades.

Infelizmente, a falta de senso prático de Lobato, por um lado, e, por outro lado, circunstâncias exteriores, vão conduzi-lo à falência, em 1925. Passa, então, a residir, por pouco tempo, no Rio de Janeiro, até ser nomeado adido comercial em Nova York, para onde seguiu em maio de 1927. A estada nos Estados Unidos criará um novo Monteiro Lobato: repudiando, aparentemente, a literatura (ou, pelo menos, tentando fazer crer aos demais que a havia repudiado), transforma-se em "industrial", interessando-se por problemas relacionados com a industrialização do Brasil. Em carta dessa época ao seu amigo Godofredo Rangel, declara: "Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil". Regressando em princípios de 1931, Lobato empreende, então, as duas campanhas, do ferro e do petróleo, não obtendo, pessoalmente, nenhum sucesso, mas criando o estado de espírito generalizado que conduziria o povo brasileiro a uma industrialização mais avançada.

Será essa a biografia de um escritor? Em que momento publicou os seus livros, como exerceu a atividade literária, que instantes perdidos consagrou à composição da sua obra? O grande paradoxo da vida de Monteiro Lobato é que, sendo fundamentalmente um escritor, um homem de letras, viveu a existência de um homem de ação, e tendo gasto as energias e a vida numa luta desesperada de homem de ação, deve toda a sua glória ao pouco que fez como homem de letras. Pouco? Então, a sua imensa bibliografia, que conta, no levantamento de Edgar Cavalheiro, quase cem títulos publicados, além de inúmeros inéditos; então esse homem cujas obras completas foram reunidas em trinta volumes, produziu pouco?

São essas as duas singularidades da carreira de Monteiro Lobato. Com relação à primeira, ele próprio dizia: "Passei a vida querendo fazer dinheiro com a indústria para escrever por distração. Acabei ganhando dinheiro com a literatura para perdê-lo na indústria". Essa a imagem que, de si mesmo, ele desejou legar à posteridade. Entretanto, ela não é exata senão na sua segunda metade. Ele não foi somente um escritor por vocação e temperamento, mas ainda desde os seus

dias escolares. Além disso, mesmo cronologicamente, Lobato foi "escritor" antes de ser "industrial": se é verdade que *Urupês* circulou em 1918, não é menos certo que, ao publicá-lo, "ele já havia divulgado praticamente todos os contos incluídos nesse volume". Por outro lado, o veio extraordinário da literatura infantil Lobato o descobre em 1921, enquanto que, na literatura para adultos, sua produção se encerra, de fato, em 1923. O Lobato "industrial" propriamente dito, o das campanhas do ferro e do petróleo, somente se manifestará depois da sua volta dos Estados Unidos, em 1931. Ele só se encaminhará decididamente para a indústria depois de ter feito muita literatura e de com ela ter ganho muito dinheiro: a parte final daquela citação é dolorosamente exata. Em todo o segundo período da sua carreira, Lobato desperdiça em empreendimentos industriais todo o dinheiro produzido pelos livros, e neles compromete todo o prestígio do seu nome. Ora, esse nome era um nome literário: é curioso que, declarando repetidamente o seu repúdio à literatura – como no epitáfio que sugeriu para o seu túmulo: "Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista" – Lobato sempre foi considerado um puro escritor e é sempre a sua reputação de literato que valoriza as campanhas do "homem prático".

De resto, todas essas campanhas foram feitas, sobretudo, à custa da palavra escrita. Lobato jamais organizou de forma comercial as suas empresas: em todas elas há uma espécie de improvisação mais ou menos teórica, qualquer coisa como uma sensação irreparável de provisório, de irreal. Enquanto editor, passava os dias jogando xadrez, no escritório, e não admitia interrupções; procurando dar "ferro e petróleo ao Brasil", viveu apenas a fase dos manifestos, da organização de sociedade e das primeiras tentativas concretas, jamais revelando uma previsão proporcional ao empreendimento. Desta forma, sempre se viu sem recursos desde o início de todas as empresas e constrangido a abandoná-las. Sua imaginação era bem maior que o senso das realidades, embora tudo o que ele tentou viesse afinal a se mostrar viável em outras mãos. Seu caso é, nesse particular, uma repetição do de Balzac: visionário da indústria, fez dela, para si mesmo, um romance quimérico, enquanto outros, retomando prosaicamente as suas idéias, souberam transformá-las em negócios prósperos.

Assim, o "metalurgista" era e jamais deixou de ser um "literato". Mas, como literato, o seu caso também não é simples. Monteiro Lobato, sob as aparências de uma inspiração inesgotável, foi um escritor que logo se exauriu. Na realidade, toda a sua literatura para adultos contém-se num volume, o *Urupês:* um ou outro livro publicado posteriormente nada lhe acrescenta, a ponto de o seu autorizado biógrafo haver fixado em 1923 o fim da sua carreira nessa especialidade. Como escritor de livros para crianças, atividade a que se entrega, com enorme sucesso, a partir de 1921, via-se cerceado, pela própria natureza dessa literatura, dentro de estreitos limites: aí, é, no fundo, uma *idéia única* que ele

explora infatigavelmente, acrescentando-lhe novos personagens, fazendo-os viver episódios da mitologia e da história universal, e assim por diante. Enfim, das suas campanhas de *business man* resta apenas um livro clássico, *O Escândalo do Petróleo,* no qual, aliás, só a primeira parte lhe pertence. Eis como se explica o aparente paradoxo acima referido: esse escritor de imensa bibliografia é um criador bastante modesto.

Nesse caso, seria injusta e usurpada a sua glória de escritor? De forma nenhuma, porque o que vale, em Lobato, o que vale mais do que a obra que realizou, são as suas idéias. Lobato é, por excelência, o homem da *idéia.* Seus contos, na confirmação dos próprios modernistas, com relação aos quais foi hostil e incompreensivo, anteciparam uma orientação "brasileira" de que o Modernismo faria a sua principal aspiração; pouco mais tarde, ele "inventou" uma literatura infantil também exclusivamente brasileira, sem prejuízo do seu valor universal, conforme se demonstra pelo enorme sucesso em países estrangeiros para cuja língua foi traduzida; "industrial", é dele, igualmente, a *idéia* de que o Brasil podia ser uma grande potência siderúrgica e petrolífera. Ao mesmo tempo, ele pressentiu, antes de qualquer outro, o seu esgotamento literário e *abandonou* a literatura, numa reação psicológica característica: suas vitórias literárias, seus incomparáveis sucessos editoriais, escondem, na realidade, a amarga sensação íntima de uma derrota. Derrotado, igualmente, no campo da ação prática, ele viverá bastante para assistir ao progresso das suas empresas em mãos alheias: a casa editora, a indústria siderúrgica, os primeiros poços de petróleo. . .

Sua vida se coroa, então, por mais um inesperado paradoxo: Lobato é um extraordinário *raté,* um *raté* de gênio, que *realizou* tudo o que desejava, porque para ele a realidade começava e terminava dentro dos limites da *idéia.* Mostrar o que podia ser feito, o que *devia* ser feito, e lutar até ao momento da aceitação das suas idéias, realizando apenas o indispensável para convencer os adversários e os descrentes, e deixando aos outros a exploração sistemática e organizada de tudo — tal parece ter sido o seu programa inconsciente de vida.

Como escritor, toda a singularidade e todo o mérito da sua obra consiste em ter descoberto, como diz Oto Maria Carpeaux, "o homem do interior do Brasil. Descobriu nova dimensão da literatura brasileira, nacionalizando-a". Essa *idéia* foi, depois, abundantemente e, muitas vezes, desajeitadamente explorada por inúmeros outros. Todo o Modernismo, como ficou dito, guiar-se-ia por ela — e numerosos escritores estranhos ao movimento. Mas, o *segredo* de Lobato, evidente e despercebido, é a sua interpretação humana e universal de uma realidade regional e restrita. Ele não olhou o seu próprio país como qualquer coisa de pitoresco; ao contrário, perpassa em todas as suas páginas, por um lado, a "identificação" suprema do escritor com os dramas que narra (apesar da ironia aparente)

e, por outro lado, a generalização infinita que é o fundamento da própria arte. Os "regionalistas" posteriores, que tentaram seguir Lobato, criando uma linguagem pretensamente "cabocla" e fantasiando os tipos humanos como animais exóticos, ignoraram ou não perceberam essa grande lição que se tira da sua obra.

Da mesma forma, na literatura infantil, Lobato não "infantiliza" o próprio espírito para imitar a linguagem e o pensamento das crianças: ele apenas conta histórias naturalmente, sem se preocupar com a lógica ou a verossimilhança (essas invenções de adultos!), mas exigindo do pequeno público uma *participação,* uma *evasão* para um mundo diferente daquele em que vive todos os dias, diferente, sobretudo, do mundo em que as pessoas grandes se sentem obrigados a trocar os r pelos l pensando, assim, fazer-se melhor compreender. A "fórmula" lobatiana de literatura infantil é, como se vê, a própria fórmula essencial de toda arte — mas é também uma fórmula brasileira, porque ele criou tipos tirados ou transpostos da vida cotidiana, tipos que, pela contradição comum e característica da arte, os leitores pensavam antecipadamente conhecer.

Afinal, Monteiro Lobato venceu, depois de 66 anos, todos os paradoxos da sua vida e morreu cercado de uma glória pura de escritor. Ele ficará, na existência brasileira, como um autor de livros e, na sua literatura, como o autor de três livros: *Urupês, Narizinho Arrebitado* e *O Escândalo do Petróleo.*

A campanha pelo petróleo, então como sempre, veio envolta em intenso emocionalismo e, o que é pior, observaria mais tarde o insuspeito Café Filho nas suas memórias, propagava dados falsos ou omitia os que não lhe convinham. Há uma resposta oficial ao livro de Lobato por Odilon Braga, então Ministro da Agricultura (a cujo Ministério estava afeto o Departamento Nacional de Produção Mineral); são, em forma de exposição feita ao presidente da República, as *Bases para o Inquérito sobre o Petróleo.* A campanha que, pela imprensa, a propósito do petróleo nacional, as empresas particulares vinham movendo contra o Ministério desde 1932, assinalava ele, intensificara-se em 1935; de fato, Lobato denunciava taxativamente aquele órgão como vendido a interesses estrangeiros ou por eles dominado — incoerência flagrante, acentuava o ministro, por parte de quem se havia cercado precisamente de técnicos estrangeiros.

Abandonando o plano de organização da Companhia de Petróleo Nacional, Lobato fundou, em 1933, a Companhia Petróleos do Brasil, para a qual, de toda evidência, desejava e esperava um tratamento protecionista; tanto é assim que condenava qualquer ingerência direta do Estado para a solução do problema: "De modo nenhum", escrevia em janeiro de 1935 na conhecida exposição ao presidente da República, "é aconselhável que o Estado perfure ou se meta em

mineração. Viraria logo tudo um 'Lloyd Brasileiro' e 'Central do Brasil' ". Mais ainda, denunciava o ministro por sua vez, percebe-se, no comunicado publicado na *Gazeta de Alagoas,* a 22 de dezembro de 1935, "a transformação virtual da Companhia Petróleos do Brasil em Aliança Mineração e Petróleo Limitada, ou AMEP, destinada a encaminhar, no Brasil, empresas estrangeiras interessadas no Petróleo e outros minérios".

Confirmando, sem querer, a ineficiência burocrática alegada por Lobato, o ministro lembrava que o Departamento vinha realizando pesquisas petrolíferas desde 1918; a ironia final seria, alguns anos mais tarde, a "solução brasileira" que consistiu na criação do organismo estatal que Lobato, precisamente, execrava!



Lobato com 62 anos